

 REVISTA DIGITAL

# mapa memorial TERRITÓRIO DO BEM

CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE LOCAL.

HISTÓRIAS VIVAS DAS  
COMUNIDADES DE  
VITÓRIA (ES)



Realização



Tec Perifa

FUNCULTURA

GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO



Sessão Nacional de Cultura

POLÍTICA NACIONAL  
ALDIR BLANC  
DE FLORESTA E CULTURA

MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO DO  
BRASIL  
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

# MAPA MEMORIAL

## TERRITÓRIO DO BEM

### Equipe

Jean H. Cirilo - Coordenador

George Cirilo - Desenvolvedor Web

Renato Moulin - Produtor

Ludimila Brandão - Designer Gráfica

Gabriele Dias - Pesquisadora

Yolanda Faustini - Pesquisadora

### Realização



**FUNCULTURA**



## **SUMÁRIO**

<b>APRESENTAÇÃO: QUANDO A MEMÓRIA VIRA FERRAMENTA DE EXISTÊNCIA.....</b>	<b>5</b>
<b>COMO O TERRITÓRIO SE FORMOU: ENTRE CHEGADAS, ENCOSTAS E CONSTRUÇÃO COLETIVA.....</b>	<b>7</b>
<b>VOZES DO TERRITÓRIO: HISTÓRIA E DEPOIMENTOS CONTADAS POR QUEM VIVE E CONSTRÓI O BEM.....</b>	<b>32</b>
<b>OCUPAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO.....</b>	<b>32</b>
Subindo o morro.....	32
Abrindo caminhos.....	33
Paisagem e pertencimento.....	33
Praças e convivência.....	35
<b>RELIGIOSIDADE, CULTURA E MEMÓRIA.....</b>	<b>35</b>
Igreja e organização comunitária.....	35
Congo e ancestralidade.....	36
Samba e carnaval.....	36
<b>JUVENTUDE, ESCOLA E COTIDIANO.....</b>	<b>38</b>
Escola e formação.....	38
Água e sobrevivência.....	39
O campinho.....	39
<b>FUTEBOL E IDENTIDADE.....</b>	<b>40</b>
Rua da Estrela.....	40
Futebol no Jaburu.....	41
<b>ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E RESISTÊNCIA.....</b>	<b>42</b>
Quintais e sociabilidade.....	42
Mutirões.....	42
Grupo Nação e articulação política.....	42
Violência e fronteiras invisíveis.....	43
Festa e reconstrução dos vínculos.....	43
<b>PERSONAGENS DA MEMÓRIA.....</b>	<b>44</b>

Maria da Paixão.....	44
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## **APRESENTAÇÃO: QUANDO A MEMÓRIA VIRA FERRAMENTA DE EXISTÊNCIA**

Falar de memória, no contexto das periferias urbanas brasileiras, nunca é um gesto neutro. Longe disso. Trata-se de uma escolha política, quase sempre atravessada por disputas sobre quem tem o direito de contar a própria história — e de que forma essa história será lembrada.

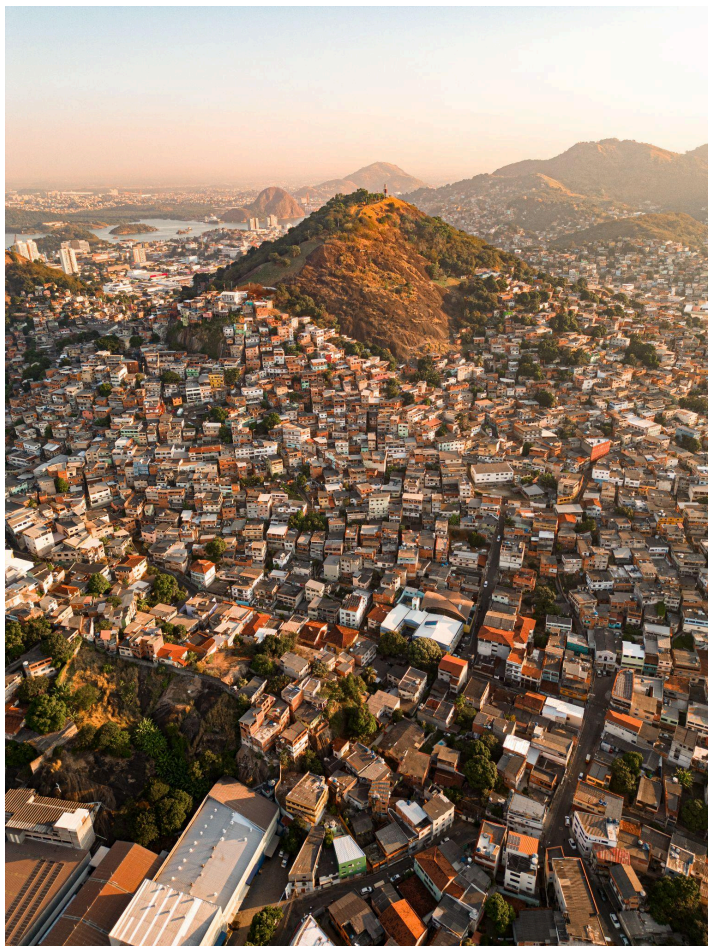
O Território do Bem – Mapa Memorial surge nesse cruzamento entre lembrança e apagamento. Não como um simples repositório de informações, mas como uma tentativa consciente de reorganizar narrativas que, por muito tempo, foram construídas de fora para dentro. Durante décadas, esses territórios apareceram nos discursos oficiais e midiáticos a partir de recortes limitados, frequentemente associados à ausência, à precariedade ou ao conflito. O que raramente se via era a complexidade da vida cotidiana, das relações, das invenções e dos modos de existir que sustentam esses espaços.

É nesse ponto que o projeto ganha sentido mais amplo. Ao propor um acervo digital e coletivo, ele registra histórias e cria condições para que essas histórias circulem sob outros termos. A revista que acompanha o Mapa Memorial se insere nesse esforço, funcionando como uma espécie de camada interpretativa: organiza, contextualiza e amplia aquilo que já existe na experiência viva dos moradores.

Aqui, a memória deixa de ser apenas um registro parado no tempo. Ela ganha movimento, se transforma continuamente e,

acima de tudo, se fortalece como uma forma viva de presença e pertencimento.

Figura 1 - Foto via drone do Território do Bem

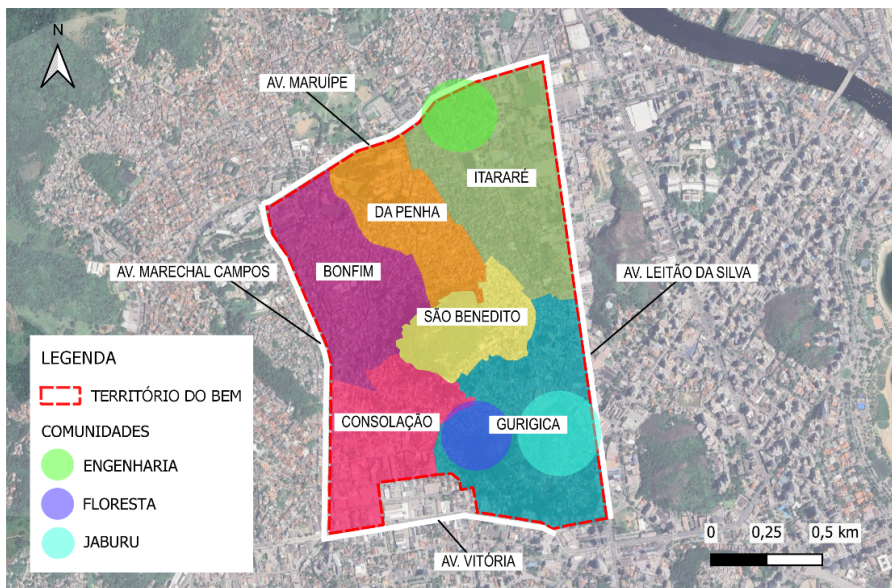


Fonte: Fotografia de Renato Moulin, 2024.

## COMO O TERRITÓRIO SE FORMOU: ENTRE CHEGADAS, ENCOSTAS E CONSTRUÇÃO COLETIVA

O Território do Bem (Figura 2) é circundado pela Av. Leitão da Silva, Av. Maruípe, Av. Vitória e Av. Marechal Campos, e é composto pelos bairros Itararé, Bonfim, Da Penha, São Benedito, Consolação e Gurigica, e pelas comunidades de Engenharia, Floresta e Jaburu, somando mais de 28 mil habitantes (IBGE, 2022).

Figura 2 - Mapa de situação do Território do Bem



Fonte: Elaboração própria, 2024.

A história da região conhecida hoje como “Território do Bem” começou entre 1910 e 1920, com ocupações das áreas mais baixas do atual bairro Consolação e das comunidades de Engenharia e Jaburu (Biscotto et al., 2016). Além disso, com os aterramentos realizados em Vitória, várias famílias pobres foram despejadas e obrigadas a se realocar para as terras da Fazenda Baixada da Égua e da Fazenda Maruípe, onde atualmente é o Território do Bem (Nemer, 2021). Como cita Nemer (2021), foram os próprios ocupantes que abriram as primeiras ruas e becos dessa área com facões e enxadas.

A ocupação da região se intensificou mesmo a partir de 1960, com a crise do café, quando muitas pessoas do interior do Espírito Santo migraram para a capital em busca de novas oportunidades (Biscotto et al., 2016). Nesse período, chegaram na cidade quilombolas do Norte do estado, de Minas Gerais e da Bahia, que se alocaram nas áreas mais altas (Nemer, 2021). Com o aumento repentino da população na cidade, surgiram vários problemas socioespaciais, como as ocupações irregulares de encostas e manguezais (Biscotto et al., 2016).

Na maioria das vezes, essas ocupações não eram pacíficas e eram impulsionadas por fortes mobilizações coletivas dos

moradores. Como descrevem Biscotto et al. (2016), os barracos dos ocupantes eram constantemente derrubados pela polícia e pelos proprietários das terras e, a fim de driblar a ação policial, os moradores organizavam ocupações nas madrugadas. Além disso, grande parte das infraestruturas urbanas que chegaram na região foram frutos das mobilizações da comunidade que vive no território, como por exemplo, a chegada de energia em 1966, conquistada após o abaixo assinado de Seu Joias, morador de Itararé que trabalhava na Escelsa (Biscotto et al., 2016).

As ocupações na região iniciaram timidamente em 1910 em Gurigica e Consolação, que anteriormente eram conhecidas como Gurigica de Dentro e Gurigica de Fora, sendo a primeira a parte que fazia divisa com Santa Lúcia e a segunda, que ligava o bairro à Avenida Marechal Campos (Biscotto et al., 2016). Segundo Biscotto *et al.* (2016), apenas em 1970 as duas regiões foram unificadas e receberam o nome de “Consolação”, em homenagem à Nossa Senhora de Consolação. Entretanto, enquanto os moradores da antiga Gurigica de Fora aderiram o novo nome, os moradores da Gurigica de Dentro continuaram a chamar seu território de “Gurigica”, sendo estabelecido assim duas regiões diferentes

(Biscotto et al., 2016). Atualmente, Consolação é uma grande referência de cultura e música do Estado, onde nasceu e se abriga a Escola Pega no Samba (Biscotto et al., 2016), que representa o bairro todo ano nos desfiles de carnaval de Vitória (Figura 3).

Figura 3 - Desfile da escola Pega no Samba no carnaval de Vitória de 2025



Fonte: Prefeitura de Vitória, 2025.

O bairro de Gurigica é formado pelas comunidades de Jaburu e Floresta e uma informação importante de sua história é a sua relação com os migrantes baianos. Como mostra a Figura

4, foram criadas várias “vilas baianas” nos morros de Vitória, como em Jesus de Nazareth, Morro do Macaco e inclusive no topo da comunidade de Jaburu.

Figura 4 - Reportagem de A Gazeta, de 19 de dezembro de 1999



Origem

A Bahia é ali; três pequenos botecos de um lado, uma igreja simples de Nossa Senhora da Guia do outro e gente circulando para cima e para baixo. É assim a entrada da vila, que lembra as pequenas cidades baianas

Fotos de Helô Sant'Ana

## Migrantes criam ‘vilas baianas’ em morros

Fonte: Biscotto, 2016.

O bairro Itararé também foi um dos primeiros a serem ocupados e tem grande importância para o território, devido sua acessibilidade a avenidas de alta relevância para a cidade. A parte mais baixa do bairro foi ocupada inicialmente em 1920, já o Alto Itararé, na década de 40 (Biscotto et al.,

2016). Segundo Biscotto et al. (2016), antigamente essa região era muito alagadiça e para entrar e sair do bairro era necessário passar por várias pinguelas improvisadas pelos moradores, como mostra a Figura 5. Vale destacar na história de Itararé a Rua das Palmeiras, que foi a primeira rua do bairro e se tornou uma importante rota comercial do Território do Bem (Biscotto et al., 2016).

Figura 5 - Canal de lançamento de águas de esgoto, na Rua Daniel Abreu Machado



Fonte: Biscotto et al., 2016.

Reduto de uma das últimas ocupações em Vitória, o bairro São Benedito surgiu em 1960 nas áreas mais altas do Território do Bem (Biscotto et al., 2016). Segundo Biscotto et al. (2016), o acesso no bairro era muito difícil e por muito tempo só haviam casas de barraco de madeira e sapé (Figura 6). As infraestruturas urbanas chegaram tardiamente no bairro: A energia elétrica e abastecimento de água foram implantadas em 1970 e apenas em 1999 São Benedito passou a ser atendido por transporte coletivo público, com a criação da linha 031, que circula pelo bairro até hoje (Biscotto et al., 2016). Atualmente o bairro é conhecido pela Rota de São Benedito e pelo Mirante do Farol, onde foi instalado um farol para sinalizar as embarcações, que acabou se tornando um ponto turístico da cidade (Biscotto et al., 2016).

Figura 6 - Casa em São Benedito em 08.04.08



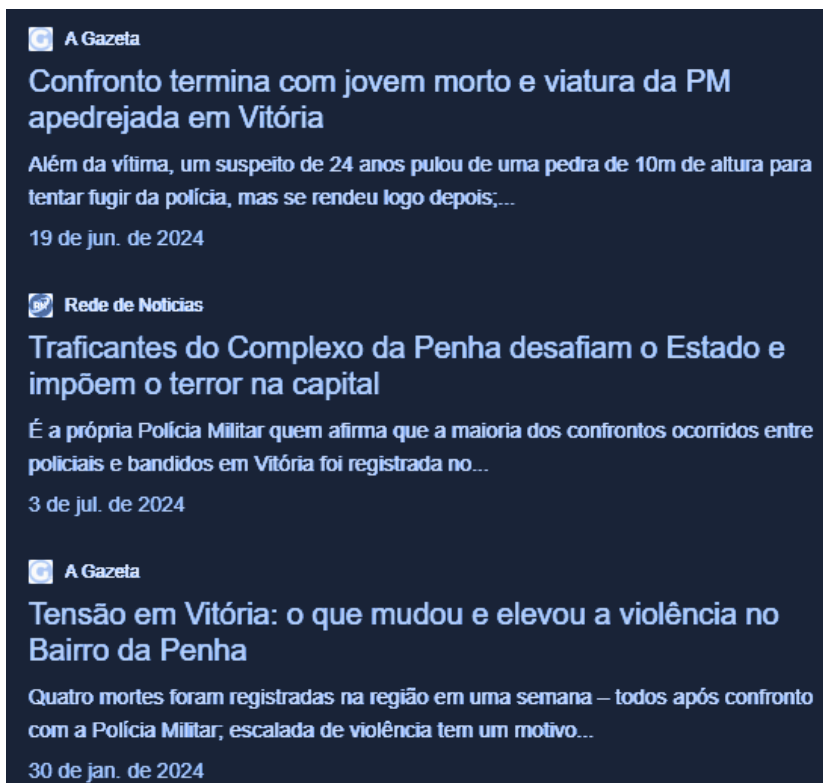
Fonte: Biscotto, 2016.

A história de cada bairro do Território do Bem evidencia a coletividade dos moradores da região, que conquistaram seus direitos através da mobilização comunitária. Além disso, demonstra como a população que ocupa o território veio de situações de vulnerabilidade, enfrentando condições precárias de moradia e de infraestrutura. Nesse contexto, em 1998, o Projeto Terra foi inaugurado com o objetivo de melhorar as infraestruturas urbanas nesses bairros e a qualidade de vida de seus moradores, através de políticas habitacionais, sociais



Apesar de atualmente ser conhecida como “Território do Bem”, há pouco tempo a região não tinha esse nome e era chamada de “Complexo da Penha”, principalmente em noticiários, que destacavam a violência e criminalidade desses bairros (Figura 8). Como forma de combater essa imagem negativa do território, a própria comunidade nomeou a região dessa forma, se baseando no Banco Bem, banco comunitário criado em 2005, com sede em São Benedito, que tinha como objetivo incentivar uma economia solidária no território (Biscotto et al., 2016).

Figura 8 - Manchetes no Google Notícias, resultado da pesquisa "Complexo da Penha, Vitória".



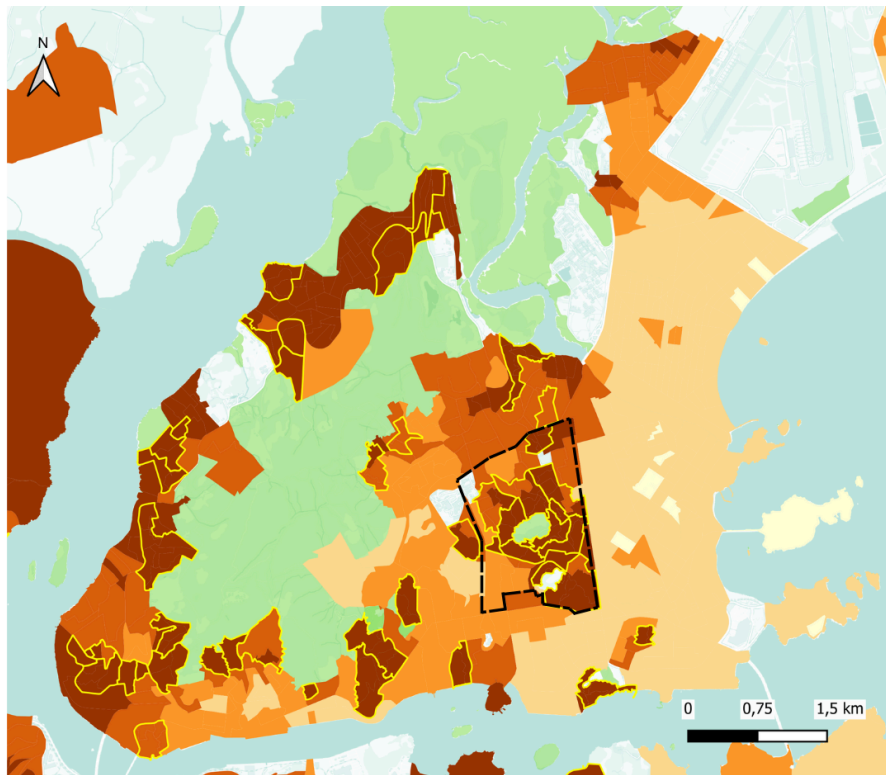
Fonte: Google Notícias, 2024.

Segundo a pesquisa feita pelo Fórum Bem Maior (Gomes *et al*, 2019), das 400 famílias do Território do Bem que foram entrevistadas, 81% são negros e 82% são mulheres, o que evidencia a realidade da maioria das periferias do Brasil, onde as mulheres negras vivem em vulnerabilidade, sendo as

maiores responsáveis pelo sustento da casa e de suas famílias. Esse dado fica ainda mais evidente no Mapa de concentração da população preta e parda (Figura 9), onde é possível visualizar que a grande maioria das pessoas negras vivem em favelas e comunidades urbanas, destacando a segregação espacial que ocorre nos espaços urbanos.

Além disso, a Figura 10 destaca que as menores rendas se localizam nas regiões de maior concentração da população negra evidenciando a intersecção entre a desigualdade racial e econômica. Em Vitória, a Av. Leitão da Silva chama atenção como um elemento que divide as periferias das áreas mais nobres da cidade.

Figura 9 - Mapa de concentração da população parda e preta em favelas e comunidades urbanas de Vitória-ES



LEGENDA

**% POPULAÇÃO PRETA E PARDA**

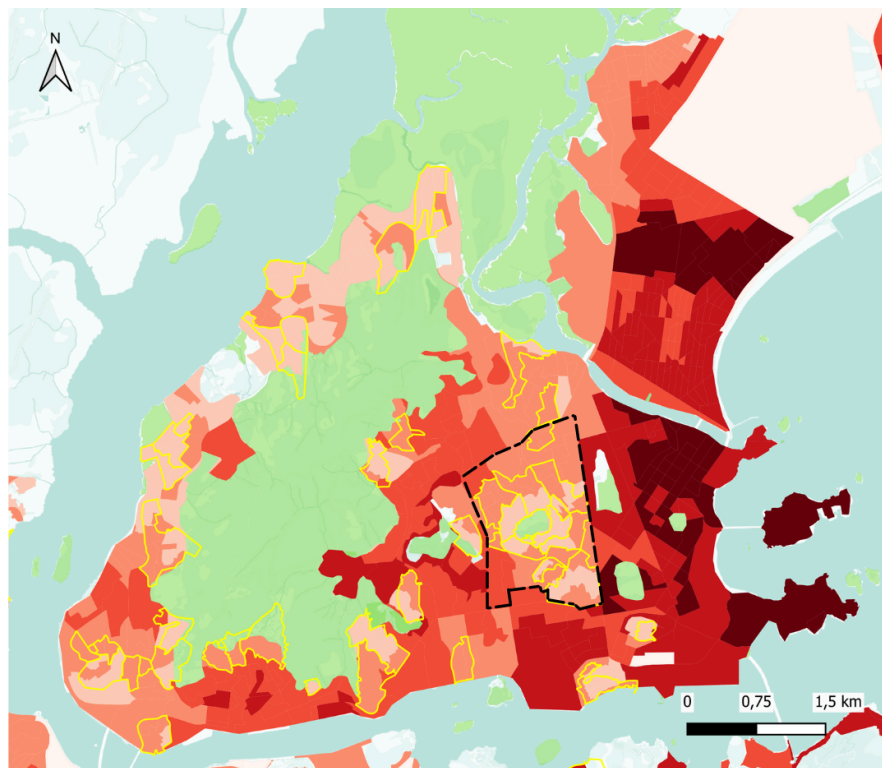
- 0 - 16%
- 16 - 41%
- 41 - 59%
- 59 - 73%
- 73 - 100%

- FAVELAS E COMUNIDADES URBANAS
- - - TERRITÓRIO DO BEM

Fonte: IBGE, Censo 2022. Elaboração própria, 2024.

Portanto, fica evidente que a população do Território do Bem é majoritariamente negra e baixa renda, refletindo as desigualdades estruturais que afetam a comunidade em diversos aspectos, como acesso a serviços, oportunidades e qualidade de vida.

Figura 10 - Mapa de renda média e favelas e comunidades urbanas de Vitória-ES



LEGENDA

**RENDA MÉDIA (CENSO 2010)**

- ATÉ 1 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 1 A 3 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 3 A 5 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 5 A 10 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 10 A 20 SALÁRIOS MÍNIMOS
- ACIMA DE 20 SALÁRIOS MÍNIMOS

FAVELAS E COMUNIDADES URBANAS (CENSO 2022)

TERRITÓRIO DO BEM

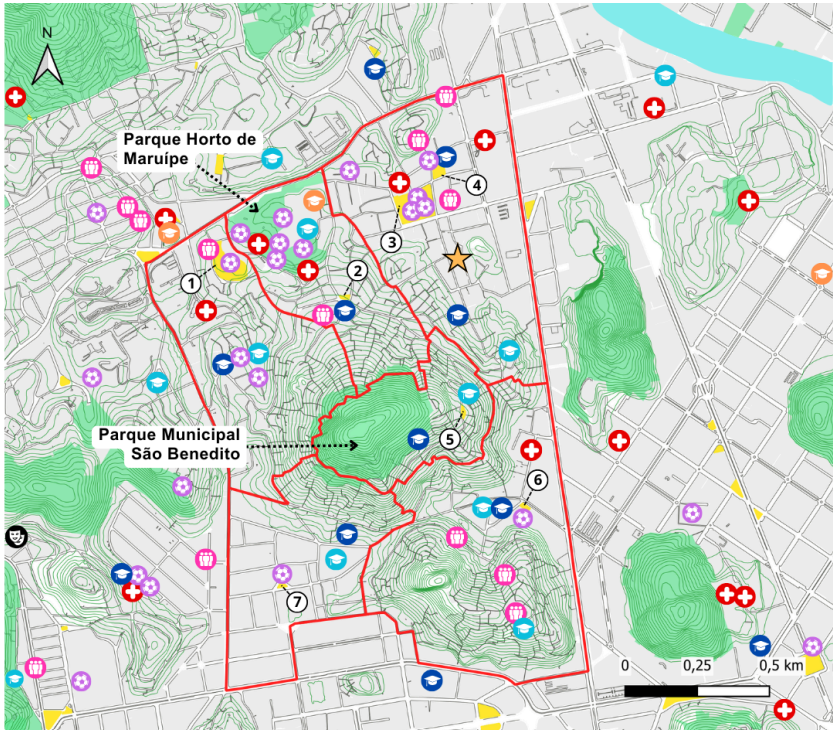
Fonte: IBGE, Censo 2010 e Censo 2022. Elaboração própria, 2024.

Em relação aos equipamentos públicos, a Figura 13 revela uma maior concentração nos bairros Da Penha e Itararé. A maior parte desses equipamentos estão situados em praças e parques, como por exemplo o Parque Horto de Maruípe, um importante espaço de preservação ambiental e de lazer para a população, que conta com quadra de futsal e de futebol de areia, uma Academia Popular e uma Academia Popular da Pessoa Idosa (PMV, 2024). Em Itararé, a Praça Luis Cozer Filho, (Figura 14) conhecida como “Praça de Itararé”, é um ponto referencial do bairro, onde reúnem pessoas de todas as faixas etárias, além de contar com foods trucks no período da noite.

Um equipamento público que tem ganhado destaque na região é o Centro de Referência das Juventudes (CRJ), localizado em Itararé. O CRJ é um centro voltado para o desenvolvimento e empoderamento da juventude, e desempenha um papel crucial na promoção da inclusão social, prevenção à violência e fortalecimento da cidadania dos jovens do Território do Bem. Além de proporcionar à juventude oportunidades de aprendizado, desenvolvimento pessoal e acesso a direitos essenciais, o CRJ atua como um ponto de conexão com outras instituições de apoio, ajudando

a criar uma rede de proteção e transformação social para a região.

Figura 12 - Mapa de equipamentos públicos e espaços livres.



**LEGENDA**

— LIMITE ADMINISTRATIVO DOS BAIRROS DO TERRITÓRIO DO BEM

— CURVA DE NÍVEL

**EQUIPAMENTOS PÚBLICOS**

⊕ SAÚDE

⚙️ ESPORTE

👤 ASSISTÊNCIA SOCIAL

🎭 CULTURA E ENTRETENIMENTO

★ CRJ TERRITÓRIO DO BEM

**ESCOLAS**

🎒 ENSINO INFANTIL

🎒 ENSINO FUNDAMENTAL

🎒 ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

**PRAÇAS E PARQUES**

🟡 PRAÇA

🟢 PARQUE E ÁREA PROTEGIDA

① PC HILDENETTE PATROCINIO NASCIMENTO

② PC CORONEL DJALMA BORGES

③ PC LUIS COZER FILHO

④ PC JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA

⑤ PC DO PONTO FINAL

⑥ PC JUDITH BRAZ COUTINHO

⑦ PC WALLACE VIEIRA BORGES

Fonte: Prefeitura de Vitória. Elaboração Própria, 2024.

Figura 14 - Fotografias da Praça de Itararé



Fonte: Gabriele Dias, 2024.

Como foi descrito anteriormente, a história desses bairros foi marcada pela luta coletiva da população, que juntos conseguiram conquistar importantes melhorias em seus territórios, como a implantação da energia elétrica, criação de linhas de ônibus que passasse pelas comunidades, entre outras. Essa coletividade se reflete atualmente no Território do Bem, onde vários coletivos juvenis e movimentos comunitários constroem novas possibilidades para as juventudes que moram na região. Os coletivos com mais destaque no território são o Conexão Perifa; Território Cultural; Fórum das Juventudes do Território do Bem (FJTb); Tec Perifa; Instituto João XXIII; Bonde na Praça e Coletivo Beco.

O Instituto Conexão Perifa é uma incubadora de coletivos periféricos do Território do Bem, que busca fortalecer organizações defensoras das garantias constitucionais dos seres humanos que moram nas periferias urbanas e rurais (Conexão Perifa, 2025). Os coletivos que fazem parte do Conexão Perifa são o Coletivo Beco, que trabalha na denúncia direta das violações do Estado; Se conecta Juventudes, com foco em promoção de esporte para

juventude; e Conectando Mulheres, que acolhe mulheres em vulnerabilidade social. Uma das ações mais reconhecidas no território é o Futravinha, uma competição de Futebol de travinha promovida pelo Conexão Perifa no Bairro da Penha, que convida crianças, adolescentes e jovens a ocuparem as ruas do bairro para se divertirem praticando esporte (Figura 15).

Figura 15 - Fotografia do IV Futravinha no Bairro da Penha.



Fonte: Moulin, 2023..

Em 2018, o Fórum de Juventudes do Território do Bem (FJTb) foi criado com o objetivo de promover ações sociais, políticas

e culturais que potencializam o protagonismo jovem. O Fórum também surgiu para aglutinar os coletivos dos bairros, seja integrando os que já existem ou estimulando a criação de novos a fim de construir um território com direito a lazer, educação, saúde, entretenimento e qualidade de vida.

Entre as atividades promovidas pelo coletivo destacam-se mutirão para tirar títulos de eleitor, encontros com a Defensoria Pública sobre abordagem policial, festa do dia das crianças e distribuição de marmitas durante a pandemia da COVID-19. Em 2024, o FJTB foi homenageado pelo Prêmio Estadual de Direitos Humanos (Figura 16) pela atuação comprometida na luta pela promoção e defesa dos Direitos Humanos no Estado do Espírito Santo (FJTB, 2024).

Figura 16 - Integrantes do FJTB recebendo o Prêmio Estadual de Direito Humanos 2024



Fonte: Fórum de Juventudes do Território do Bem, 2024.

Outro coletivo que promove ações focadas nas juventudes no Território do Bem é o Território Cultural, que foi fundado recentemente em 2023. O coletivo surgiu com o intuito de levar batalhas de rima itinerantes para cada bairro do Território do Bem, incentivando a cultura entre as

comunidades locais (Calango Notícias, 2023). Os eventos promovidos pelo Território Cultural já ocuparam vários espaços públicos como a Praça de Itararé, onde aconteceu o primeiro evento do coletivo (Figura 17), o Horto de Maruípe, a Praça de São Benedito e até a Escola de Ensino Fundamental Zilda Andrade, no Bairro da Penha. Além de batalhas de rima, também são realizadas competições de futebol, como o da Figura 18, com direito à premiação para os ganhadores.

Figura 17 - Primeira edição de batalha de rima do Território Cultural



Fonte: Moulin, 2023..

Figura 18 - Jovens participantes do Futebol Cultural, na Escola Zilda Andrade



Fonte: Território Cultural, 2024. Disponível em:  
<<https://www.instagram.com/territorio.cultural/>>.

## **VOZES DO TERRITÓRIO: HISTÓRIA E DEPOIMENTOS CONTADAS POR QUEM VIVE E CONSTRÓI O BEM**

Como parte das ações desenvolvidas neste projeto, realizamos entrevistas com moradores do território, cujas trajetórias, memórias e experiências contribuíram de forma significativa para a construção deste trabalho. A seguir, apresentamos algumas falas transcritas, reunidas a partir das vivências, percepções e histórias compartilhadas por esses moradores.

### **OCUPAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO**

#### **Subindo o morro**

Segundo os moradores, a ocupação dos morros do Território do Bem se intensificou diante das condições precárias das áreas baixas, frequentemente alagadas e compostas por palafitas. Para muitas famílias, subir o morro significava buscar segurança e melhores condições de vida.

“Na verdade, já existiam as ocupações na parte de baixo, porque era tudo área de marinha, mas eram alagadas. Então, as pessoas moravam muito e tinham palafitas. Então, no morro era mais seguro.”

— Valmir

A chegada de famílias vindas de diferentes estados também esteve relacionada à busca por trabalho e atendimento médico.

“Quem vinha do Norte, quem vinha de Minas, quem vinha de qualquer lugar do Brasil para cá era por causa

desses objetivos aí, né? Hospital e trabalho.”

— Valmir

## **Abrindo caminhos**

Os primeiros acessos foram construídos pelos próprios moradores, em meio à ausência de infraestrutura urbana.

“Eles pegavam uma tora de madeira e saíam puxando para abrir caminho.”

— Valmir

As ruas ainda eram estreitas, de terra batida, e grande parte das melhorias dependia do esforço coletivo da comunidade.

Durante muitos anos, o território sequer possuía endereçamento oficial.

“A gente não tinha endereço aqui não.”

— Valmir

Até hoje, parte das correspondências continua sendo entregue em pontos de referência comunitários.

“Na prática, moro é beco, escadaria e beco. Então, o correio não sobe.”

— Gabhy

## **Paisagem e pertencimento**

As memórias sobre o território também revelam fortes vínculos afetivos com a paisagem e com a vida construída nas comunidades.

“Eu vim em 1985 e já tenho aqui 40 anos e já moro aqui.”

— Ivete

“Eu amo essas duas comunidades, Jaburu e Floresta.”

— Ivete

“Eu gosto muito daqui. Eu gosto muito de Vitória.”

— Ivete

Ao recordar o passado, Ivete descreve um território marcado pela precariedade, mas também pela beleza da paisagem vista do alto dos morros.

“No Floreste não tinha escada. As casas eram todas feitas de pano, de papelão.”

— Ivete

“Eu achei esse lugar muito bonito, porque você olhava lá de cima e se avistava a Leitão da Silva.”

— Ivete

As transformações urbanas aparecem associadas ao orgulho das conquistas coletivas.

“Um dia eu vou subir aqui pela rua de carro.”

— Ivete

“Eu saí de lá e deixei uma rua pra eles.”

— Ivete

## **Praças e convivência**

As praças aparecem como importantes espaços de encontro, lazer e convivência comunitária.

“A praça não é do Itararé. Ela é nossa. É do território.”

— Valmir

No Floresta, a Praça Parque da Amizade também é lembrada como referência afetiva da comunidade.

“A nossa praça é uma referência.”

— Ivete

“Você sobe lá em cima da pedra, você vê tudo.”

— Ivete

“Você pode tirar uma foto bem ampla.”

— Ivete

## **RELIGIOSIDADE, CULTURA E MEMÓRIA**

### **Igreja e organização comunitária**

A antiga Igreja de São Benedito ocupa lugar central na memória dos moradores. Inicialmente um pequeno casebre de madeira, o espaço cresceu junto com a comunidade e se tornou ponto de encontro, celebração e articulação política.

“Era um casebre de madeira, com uma cruzinha na frente (...) cabia 12 ou 13 pessoas.”

— Valmir

Foi dentro da igreja que começaram as primeiras reuniões responsáveis pela criação do Banco Bem.

“As reuniões do Banco Bem, para criar o Banco Bem, foram tudo dentro da igreja católica.”

— Valmir

A Festa de São Benedito permanece como uma das manifestações mais marcantes do território.

“O santo percorria esses becos, essas vielas, com procissão de vela.”

— Valmir

### **Congo e ancestralidade**

Outra manifestação profundamente presente nas memórias do território é o Congo, associado à religiosidade popular e às tradições afro-brasileiras.

“Era uma coisa muito bonita. Passava aquela multidão de gente atrás.”

— Valmir

Os cortejos atravessavam ruas e bairros carregando mastros, instrumentos e embarcações simbólicas, reafirmando a ancestralidade negra e a ocupação coletiva das ruas.

### **Samba e carnaval**

O carnaval aparece como espaço de lazer, identidade e resistência cultural.

O Bloco das Piranhas surgiu como alternativa para os moradores que permaneciam na comunidade durante o período carnavalesco.

“Então, inventaram o bloco da piranha para esse público, que ficava.”

— Valmir

Com o tempo, o bloco cresceu e passou a circular por diferentes bairros do território.

Gabhy relembra o carnaval como espaço de liberdade e afirmação pessoal:

“Desde o carnaval, nunca mais se destransformou. Porque parece que a pessoa tomou coragem e se assumiu gay na época.”

— Gabhy

Os relatos também destacam a importância do Pega no Samba enquanto referência cultural e comunitária.

“Pega no Samba veio, foi bloco, nós fomos chamados de Pega no Lixo.”

— João Ivo

A quadra da escola de samba ultrapassou o papel carnavalesco e passou a funcionar como espaço coletivo da comunidade.

“É um polo cultural.”

— Danillo

Mesmo diante da violência e dos conflitos territoriais, o samba aparece como espaço de permanência e resistência.

“Às vezes a gente tinha que parar o ensaio [...] Mas nós somos também respeitados.”

— João Ivo

Os entrevistados também questionam os estigmas associados às periferias.

“Lá tem gente boa também. Tem trabalhador, tem tudo.”

— João Ivo

“Mostrar que aqui existe cultura, existe educação, existem projetos.”

— Danillo

## **JUVENTUDE, ESCOLA E COTIDIANO**

### **Escola e formação**

A Escola Paulo Roberto aparece como importante espaço de convivência juvenil.

“Cada bairro tinha um grupo de dança específico.”

— Gabhy

As festas juninas reuniam apresentações de funk, quadrilhas, sertanejo e brega funk, movimentando os becos e escadarias durante semanas de ensaio.

Além da escola, o SECRI também marcou a trajetória de muitos jovens.

“Foi o meu primeiro curso de formação que eu fiz na vida.”

— Gabhy

## **Água e sobrevivência**

A falta de água é lembrada como uma das experiências mais marcantes da vida cotidiana no território.

“Antes do chafariz a gente pegava água no poço.”

— Valmir

Buscar água fazia parte da rotina de muitas crianças e adolescentes.

“Uma das minhas memórias de infância é achar que ia descansar depois da escola e ter que descer a escadaria com garrafinhas para buscar água.”

— Gabhy

A chegada do abastecimento regular foi resultado de mobilizações comunitárias.

“A gente começou a cobrar da Cesan que essas pessoas tinham que ter esse direito da água.”

— Valmir

## **O campinho**

O campinho aparece como um dos principais espaços de convivência da infância e juventude.

“Foi os próprios moradores que fez o campinho.”

— Valmir

As brincadeiras aconteciam mesmo sem iluminação adequada.

“Era o breu e eram as frestas dos barracos que forneciam a luz para a gente poder brincar.”

— Gabhy

Ao mesmo tempo, o espaço também refletia as tensões do território.

“Tinha certas horas que a galera falava: depois vocês voltam.”

— Gabhy

## **FUTEBOL E IDENTIDADE**

### **Rua da Estrela**

O futebol ocupa lugar importante na construção das identidades locais.

O Estrela Futebol Clube é lembrado como um dos times mais tradicionais do território.

“Era um dos melhores times que tem aqui.”

— Valmir

Mais do que um clube, o time ajudou a consolidar referências territoriais próprias.

“Se você chegar para o morador e falar que é São Benedito, ele não vai entender. Para eles, é a Rua da Estrela.”

— Gabhy

## **Futebol no Jaburu**

No Jaburu, os campeonatos de várzea movimentavam intensamente a comunidade.

“Jaburu já foi potência de futebol.”

— Cosme

Os times estavam ligados a diferentes áreas do morro e fortaleciam os vínculos comunitários.

“O Terra Brasil pegava mais essa parte da Vila Baiana. O Milan era mais do lado da Igreja Nossa Senhora Aparecida.”

— Cosme

Para muitos jovens, o futebol representava também possibilidade de futuro.

“Se fosse no Rio de Janeiro, muitos daqueles moleques estariam hoje em times profissionais.”

— Cosme

# **ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E RESISTÊNCIA**

## **Quintais e sociabilidade**

Os quintais aparecem nas memórias como espaços fundamentais de convivência, festa e organização coletiva.

“Eu lembro muito daquelas rodas de conversa, das farras nos quintais.”

— Cosme

O Quintal do Lourinho tornou-se referência importante para reuniões comunitárias e festas populares.

“Eu falei: vou ter que comprar esse pedaço porque é histórico.”

— Cosme

## **Mutirões**

Grande parte das melhorias urbanas foi construída através de mutirões organizados pelos próprios moradores.

“Era um acontecimento quando alguém ia fazer uma laje.”

— Cosme

Os mutirões fortaleciam vínculos de solidariedade e cooperação.

## **Grupo Nação e articulação política**

O Grupo Nação surgiu em meio aos conflitos políticos e territoriais vividos pelo Jaburu nos anos 1990.

“Só ficamos nós três. A gente não quis dar o braço a torcer.”

— Cosme

Com o passar dos anos, a articulação entre lideranças comunitárias fortaleceu as reivindicações coletivas.

“Ao invés de um líder só lutando, eram vários líderes juntos.”

— Cosme

### **Violência e fronteiras invisíveis**

Os relatos também revelam as divisões territoriais construídas pelos conflitos armados.

“Ninguém passava pra lá, nem ninguém passava pra cá.”

— Ivete

Valmir relembra que até os blocos carnavalescos deixavam de circular entre determinados bairros.

“O bloco das piranhas não subia São Benedito.”

— Valmir

Com o fortalecimento das articulações comunitárias, essas barreiras começaram a diminuir.

### **Festa e reconstrução dos vínculos**

As festas comunitárias também aparecem como estratégias de reconstrução da convivência entre os bairros.

“Apareceu 1.300 pessoas.”

— Ivete

Para os moradores, a convivência coletiva ajudou a reduzir as divisões históricas do território.

“Existe divisão, gente. A gente tem o direito de ir e vir em qualquer lugar.”

— Ivete

## **PERSONAGENS DA MEMÓRIA**

### **Maria da Paixão**

Entre as figuras mais lembradas pelos moradores está Maria da Paixão dos Santos, conhecida como “Maria Paixola”.

Parteira e benzedeira, ela exerceu papel importante nas redes de cuidado e solidariedade comunitária.

“Ela recebeu muito amor do povo pelo nome dela.”

— Cosme

## CONCLUSÕES

O Território do Bem não pode ser compreendido apenas a partir de seus limites geográficos ou de suas estatísticas. Sua história é feita de chegadas, deslocamentos, mutirões, afetos, festas, disputas, resistências e, sobretudo, de gente. Cada bairro, cada escadaria, cada praça e cada quintal carrega marcas de um processo coletivo de construção do território, no qual os moradores não apenas ocuparam o espaço, mas também o transformaram, nomearam, defenderam e reinventaram ao longo do tempo.

Ao reunir memórias, imagens, relatos e referências históricas, o Mapa Memorial se apresenta como uma ferramenta de valorização da experiência vivida e de fortalecimento da identidade territorial. Mais do que registrar informações, ele reconhece a potência das narrativas produzidas por quem vive o cotidiano do lugar e compreende que a memória, quando compartilhada, se torna também um instrumento de pertencimento, reconhecimento e afirmação da existência das periferias como espaços de vida, cultura e produção de conhecimento.

As histórias reunidas neste trabalho mostram que a construção do Território do Bem foi atravessada por desigualdades urbanas, mas também por formas constantes de organização comunitária. Foram os próprios moradores que abriram caminhos, reivindicaram direitos, criaram espaços de convivência, sustentaram manifestações culturais e construíram redes de apoio capazes de enfrentar a precariedade e o abandono histórico. Nesse sentido, a memória aqui apresentada não é apenas lembrança do passado, mas também presença ativa no presente.

O Território do Bem segue sendo tecido diariamente por suas lideranças, coletivos, juventudes, famílias e pessoas que insistem em viver, criar e transformar o lugar. Registrar essas histórias é, ao mesmo tempo, reconhecer a trajetória de quem veio antes e fortalecer o caminho de quem segue construindo o futuro. Assim, este projeto reafirma que lembrar também é um ato político, e que contar a própria história é uma forma de garantir que o território continue sendo narrado por quem realmente o vive.

## REFERÊNCIAS

BISCOTTO, Denise et al. **Nossa história nosso bem**. Vitória : Fórum Bem Maior, 2016. Disponível em: <<https://calangonoticias.com.br/nossa-historia-nosso-bem/>>. Acesso em: 18 jan. 2025.

CALANGO NOTÍCIAS. **Movimentos culturais quebram paradigmas no Território do Bem**. 2023. Disponível em: <<https://calangonoticias.com.br/movimentos-culturais-quebram-paradigmas-no-territorio-do-bem/>>. Acesso em: 08 abr. 2024.

GOMES, Ana Paula *et al.* **Pesquisa saberes, fazeres e perfil dos moradores do Território do Bem**. Vitória: Fórum Bem Maior, 2019.